

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

21



Ἰσοπέδιον ἔσται τῶν ποταμῶν  
καὶ τῶν ὄρων ὡς ἡμεῖς ἐλάλομεν  
καὶ ὡς ἡμεῖς ἐλάλομεν ἡμεῖς  
MHNIN AEIDΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Seguem-se, para uma maior abrangência do tempo da XXV dinastia, vários modelos de sarcófagos da época de Harua II, Mentuirdis e Nesi-khonsuennekhi, como os que foram feitos para Sekheperamon, Ruru e Hor (pp. 126-129), para Nakhtkhonsu (pp. 130-131), um outro Hor, e ainda Nesiamenemipet (ou Nesiamenemope), Basaenmut (pp. 132-133), e o casal Irtieru e Nesiamongdjamut, respectivamente avô e avó de Harua II (pp. 134-137). O núcleo expositivo dedicado aos sarcófagos fecha com textos explicativos de alguns especialistas que participaram no restauro dos materiais: Luigi Vigna faculta notas históricas e tecnológicas acerca das técnicas de realização e restauração dos sarcófagos (pp. 138-141), Paola Iacomussi e Giuseppe Rossi divulgam o seu diagnóstico colorimétrico sobre a luz, os materiais, com o léxico descritivo (pp. 142-144) e Angelo Agostino oferece a sua análise de fluorescência com raios X e a análise cromática sobre amostras de cores dos sarcófagos (pp. 144-155).

O núcleo final, com textos de Elvira d'Amicone e de Luis Manuel González, serve para evocar o lótus no antigo Egípto, visto como uma flor divina, recorrendo a peças onde a célebre planta está representada, com hipopótamos de faiança azul, modelos de remos com desenhos de lótus, um prato de faiança, fragmento pintado, «colher» de perfume de madeira lotiforme, um friso, pequeno contentor e pequena tampa representando um lótus invertido (pp. 157-162). Depois de uma referência ilustrada sobre o azul egípcio e como se obtinha (p. 163) seguem-se mais materiais que evocam o lótus, como estelas e fragmentos murais, terminando com uma estátua de Amen-hotep, que era inspector dos jardins de Amon (pp. 164-171).

A bibliografia ocupa as pp. 173-175, rematando um volume que certamente agradará aos muitos leitores que se interessam por temas relacionados com o antigo Egípto, e que pode adrede proporcionar aos estudiosos que se debruçam sobre os aspectos ligados ao tratamento e exposição de materiais fúnebres, entre os quais avultam as múmias e os sarcófagos, boa matéria para reflexão e aprendizagem.

***Luis Manuel de Araújo***

**JOSÉ NUNES CARREIRA**, *Mitos e Lendas Hititas*, Lisboa: Edições Colibri, 2010, 148 pp., ISBN 978-972-772-938-8

No seio das antigas culturas pré-clássicas são bem conhecidos os mitos e lendas do antigo Egípto ou os da antiga Mesopotâmia, entre outros,

dos quais existem vários estudos no estrangeiro e em Portugal. Menos conhecidos são os mitos e lendas criados no antigo Hatti, a pátria dos Hititas, que forjaram um poderoso reino que se impôs no Médio Oriente na segunda metade do II milénio a. C. – mais uma razão para a feliz edição desta obra, com um meritório trabalho gráfico que dignifica as Edições Colibri e a colecção onde ela se insere, a colecção «Temas Pré-Clássicos».

Como bem lembra o texto de apresentação na contracapa, confrontados com Egípcios, os Sumérios, os Babilónios e os Assírios, «os Hititas fazem figura de parente pobre, serôdio e marginal. E, contudo, não lhes falta grandeza. Nenhum povo do Oriente Antigo preservou como eles a frescura original dos mitos.» Por isso se saúda o aparecimento deste volume de José Nunes Carreira, que, em anterior estudo dedicado a este povo indo-europeu instalado na antiga Anatólia, se tinha debruçado sobre a historiografia hitita (1999).

O seu autor é professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fundador e director do Instituto Oriental entre 1986 e 2004, e primeiro director da sua revista *Cadmo* (entre 1991 e 2004), tendo coordenado a área de estudos pré-clássicos, a quem muito merecidamente foi dedicado o volume de homenagem intitulado *Percursos do Oriente Antigo* que os seus colegas e amigos lhe quiseram ofertar.

Depois do Índice (pp. 7-8), e do Prefácio (pp. 9-10) vem a Introdução (pp. 11-28), aqui se avisando que quem quiser conhecer os povos antigos, e neste caso os antigos Hititas, terá de aprender a sua língua e embrenhar-se na sua mitologia – e quem não chegar aos originais tem de se apoiar em versões credenciadas: «é o que faz este estudo, debruçado sobre textos escritos em hitita, a língua oficial do reino e do império entre c. 1650 e 1200 a. C.» (p. 13). A p. 29 insere uma cronologia essencial da história hitita, com a divisão em reino (c. 1650-1460 a. C.) e império (c. 1460-1182 a. C.).

A I parte é dedicada à «Mitologia», e começa com mitos e narrativas mitológicas, onde são evocados conhecidos textos como o *Enuma Elich* (a criação do mundo) e o *Atramhasis* (a criação do homem), elaborados para deleite dos ouvintes (pp. 31-33). Segue-se *A Luta com o Dragão*, uma narrativa ligada à festa *purulli* onde se festejava a vitória do deus da Tempestade sobre o monstro *Illuyanka*, isto é, a vitória da Primavera sobre o Inverno (pp. 33-37). Com *O Deus Desaparecido* temos um mito relacionado com o ritual *mugauwar*, a súplica para fazer regressar o deus (pp. 37-42), e com *A Lua Caída do Céu* vemos uma curiosa variante ao deus desaparecido, num jogo entre o eclipse da lua e a tormenta (pp. 43-44), para terminar com uma fragmentária narrativa mitológica de

origem cananaica intitulada *Aseru* a suscitar velhas questões relacionadas com a fertilidade, onde o deus El, impotente e envelhecido, é preterido pelo jovem Baal, em paralelo com o conhecido texto bíblico que põe em acção José e Putifar, e outro par, o egípcio Bata e a esposa concupiscente do *Conto dos Dois Irmãos* (pp. 45-46).

No capítulo da «Epopéia Mitológica» (pp. 47-90) vislumbram-se dois pequeníssimos fragmentos do *Atramhasis*, a grande epopeia babilónica da criação do homem após a revolta do Iguigui (pp. 47-48), e os mais encorpados *Reinados Celestes*, uma epopeia que pode ser comparada à *Teogonia* de Hesíodo (pp. 49-52), seguindo-se o *Reinado do Deus Kal*, poemas sobre uma divindade escrita com o sumerograma KAL que se agiganta em terríveis lutas contra Istar e Techub (pp. 52-54), *Hedammu*, poema que exalta este monstro serpentiforme insaciável onde se aflora a criação do homem para trabalhar em lugar dos revoltados Iguigui (pp. 54-56), e eis que chegamos ao *Conto de Ullikummi*, de origem hurrita mas que é «a obra mais importante da literatura hitita e o melhor produto literário encontrado nos arquivos de Hattusha», decorrendo a acção mítica no tempo em que Techub é rei e sofre as investidas de Kumarbi, pai de Ullikummi (pp. 56-69). O capítulo termina com *Prata*, um texto fragmentário que completa o ciclo anterior e revela uma personagem com mau feito, que bate na mãe e atenta contra a ordem das coisas (pp. 69-70), *Kesi*, um caçador tão devotado à esposa que até esquece a caça e os sacrifícios aos deuses (pp. 71-72) e *Gurparanzu*, rei de Ailanuwa que dialoga com Aranzu (um rio divinizado, que pode ser o Tigre ou o Eufrates) e Impakru, rei de Akkad (p. 73).

No capítulo que reúne «Hinos e Orações» (pp. 73-89) penetramos nas vivências mais íntimas e mais profundas dos Hititas, mostrando este género literário a sua hábil capacidade de absorção e adaptação de textos das culturas mesopotâmicas, nomeadamente de Babilónia. A primeira é uma *Oração à Deusa do Sol da Terra* (pp. 75-76), depois uma *Oração à Deusa do Sol de Arinna* (pp. 77-80), segue-se uma *Oração ao Deus Ishtanu* (pp. 81-83), uma *Oração da Peste* (pp. 83-85), *Oração de Arnuwanda (I)* e *Ashmunical* (p. 86) e *Oração de Puduhepa à Deusa do Sol de Arinna* (pp. 87-89).

A II parte da obra trata «Da Lenda à Historiografia» (pp. 91-142), encetando com um tema clássico do Próximo Oriente Antigo abordado no capítulo «Gilgamesh em Veste Hitita» (pp. 91-109), A adaptação hitita é mais curta e mais pobre que o original babilónico, forjando uma adaptação livre e não tradução propriamente dita, e dela apresentam-se *O Tirano de Uruk* (pp. 96-97), *Enkidu, o Caçador e a Rapariga* (pp. 97-98), *A Cólera de Enkidu*

(p. 99), *Na Floresta dos Cedros* (pp. 99-100), *Combate Contra Huwawa* (pp. 101-103), *Regresso dos Heróis* (p. 103), *Gilgamesh e Ishtar* (p. 104), *O Sonho de Enkidu* (pp. 194-105), *Queixas de Enkidu* (pp. 105-106), *Dor de Gilgamesh pela Morte de Enkidu* (p. 106), *Gilgamesh, o Deus Sin e a Taberneira* (p. 107), *Gilgamesh e o Barqueiro Ur-Shanabi* (pp. 107-109).

«Contos e Narrativas» é o título do capítulo seguinte (pp. 109-114), com os textos *Appu e os seus Dois Filhos* (pp. 110-111), *O Deus Sol, a Vaca e o Pescador* (pp. 111-114), a ilustrar um tipo de narração pura e de sabor popular com a vontade do redactor hitita em configurar modelos de comportamento, O primeiro conto é o melhor exemplar do género, enquanto o segundo foi achado em muito mau estado, o que dificulta a sua interpretação.

O capítulo sobre «Lições da História» (pp. 115-119) serve também para mostrar que o prazer de narrar eventos históricos tem notável precocidade no Hatti, sendo conhecidos já no distante Reino Antigo (c. 1650-1460 a. C.) decretos reais com argumento histórico, relatos autobiográficos e histórias entremeadas de episódios fantásticos, ao jeito dos contos de fadas. Quanto aos textos, aqui constam *Touro Mítico ou Crónica de Puhanu* (pp. 115-116), *Lenda de Zalpa* (pp. 116-118) e *O Rei da Batalha* (pp. 119-120).

Segue-se «Historiografia Elaborada» (pp. 120-125), para nos lembrar que os Hititas criaram a primeira literatura indo-europeia e mundial da história, nela perpassando o sentido da causalidade histórica detectável nos preâmbulos aos tratados que celebravam com os seus vizinhos. Tudo começa com o *Texto de Anitta* (pp. 120-121), continuando com a *Década* (pp. 122-125), um texto minuciosamente estruturado com prólogo e epílogo, centrado na conquista de Arzawa por parte do rei Mursili II, depois os *Anais Completos* (pp. 126-132), onde vemos em acção Suppiluliuma, o maior rei do Hatti, e ainda, enaltecendo os feitos do mesmo rei, as *Gestas de Suppiluliuma* (pp. 132-135), onde o ápice é a conquista de Karkemich e o contacto com o Egipto, cuja rainha (certamente Ankhesenamun, viúva de Tutankhamon) solicitava ao rei hitita o envio de um príncipe para casar com ela.

O último capítulo introduz o tema «História Teológica ou Historiografia Manipulada» (pp. 136-142), apresentando e analisando a *Apologia de Hattusili III*, escrita depois do tratado de paz com o faraó Ramsés II (meados do século XIII a. C.), que é afinal uma extensa obra de propaganda política sob a capa de história teológica.

O volume encerra com uma copiosa e orientadora bibliografia (pp. 143-146) e as siglas (p. 147). E se porventura a editora tivesse

optado por um índice remissivo melhor ainda ficaria este volume, que só peca por não ter havido um tratamento gráfico editorial mais eficaz que hierarquizasse devidamente os títulos de capítulos e títulos das obras aqui apresentadas (eles surgem no mesmo tipo e corpo de letra).

Muito útil é esta obra não só para os alunos universitários que nos seus cursos estudam a temática aqui tratada mas também para os leitores em geral que queiram conhecer melhor a produção literária do Hatti. Acompanhando o desejo expresso pelo Autor, que jubilosamente parabenizamos pelo seu trabalho, bom seria que, com a leitura dos velhos mitos do passado pré-clássico, entre os quais se encontram os que foram escritos e divulgados pelos Hititas, pudéssemos redescobrir a nossa própria humanidade.

***Luís Manuel de Araújo***

**MARIA HELENA TRINDADE LOPES**, *Mênfis: O Rosto de Apriés*, Lisboa: Edições Tinta-da-china, 2010, 276 pp., profusamente ilustrado, ISBN 978-989-671-037-8

Começamos pelo título desta obra: ele refere dois nomes, um topónimo (Mênfis) e um antropónimo (Apriés). São duas formas onomásticas que naturalmente chamam a atenção dos leitores, a começar por aqueles que se interessam por temas relacionados com o antigo Egipto, sendo pois de esperar que esses nomes fossem os fios condutores do texto.

Depois do índice inicial (p. 5), onde faltou indicar as páginas da bibliografia (pp. 67-73), o volume abre formalmente com um prefácio da autoria do egiptólogo francês Pascal Vernus (pp. 9-11), seguido pelo preâmbulo (p. 13-15), onde se lembra a génese do «projecto arqueológico português em Kôm Tumân» e se fazem agradecimentos a todas as pessoas que participam ou participaram e apoiaram os trabalhos. A todas?...

O texto da introdução tem apenas meia página (p. 19), e sobre as ruínas do palácio do faraó Apriés no local onde têm decorrido as escavações fica o leitor avisado: «A compreensão da verdadeira importância deste monumento, e conseqüentemente, deste projecto só poderá ser verdadeiramente alcançada se tivermos em conta três realidades: a cidade de Mênfis, o reinado de Apriés e, por último, o tipo de construção em presença.»

Assim, haveria que sublinhar devidamente a importância de Mênfis e de Apriés, que de resto são os nomes que na capa deste volume intentam